

O TEMPO E O ATO PSICANALÍTICO NA DIREÇÃO DO TRATAMENTO

Sabrina Cristiane Vale*
Júlio Eduardo de Castro**

RESUMO

Este artigo realiza uma investigação acerca das articulações entre o tempo e o ato do psicanalista na direção do tratamento. O tempo foi tomado por filósofos como tendo apenas uma dimensão, ou seja, o tempo cronológico, que separa passado, presente e futuro. No entanto, Freud concebe o tempo a princípio com o conceito de *a posteriori* e, depois, com a atemporalidade do Inconsciente. Lacan levou até as últimas consequências a subversão do tempo padrão no tratamento feita por Freud. Em sua clínica, Lacan utilizou outro temporizador que não o relógio: o ato do psicanalista, marcando assim uma nova temporalidade nos tratamentos. O ato do psicanalista é o demarcador da temporalidade que interessa à psicanálise na direção do tratamento.

Palavras-chave: tempo; ato psicanalítico; direção do tratamento; psicanálise.

ABSTRACT

TIME AND THE PSYCHOANALYTIC ACT IN THE DIRECTION OF THE TREATMENT

This article presents an investigation on the relationship between time and the act of the psychoanalyst in the direction of the treatment. Time was taken by philosophers as having a single dimension – the chronologic time which separates events in past, present and future. However, Freud introduces the concept of a posteriori, and later the timelessness of the Unconscious. Lacan led to the ultimate consequences the standard time subversion in the treatment performed by Freud. In his clinic, Lacan has used other criterion than the clock: the act of the psychoanalyst, thus marking a new temporality in the treatments. The act of the psychoanalyst is the demarcator of the temporality that matters to psychoanalysis in the treatment direction.

Keywords: time; psychoanalytic act; treatment direction; psychoanalysis.

* Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João del Rei. E-mail: sabrinavalepsi@yahoo.com.br.

** Pós-Doutorado em Psicologia pela PUC Minas, Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Professor da Universidade Federal de São João del Rei. E-mail: julioecastro@mgconecta.com.br.

A questão do tempo e sua relação com a direção do tratamento psicanalítico perpassa toda a obra de Freud e podemos pensar que Freud subverteu o tempo cronológico (o tempo mensurado pelo relógio e que separa passado, presente e futuro). Lacan, em suas contribuições, destacou que, em psicanálise, trata-se do tempo lógico. Em sua clínica, utilizou outro temporizador que não *chronos*: o ato do psicanalista, marcando assim uma nova temporalidade nos tratamentos.

Freud acentuou que o sujeito modifica *a posteriori* o registro dos acontecimentos e esse fato possibilita conferir um sentido, uma eficácia ou sentido patogênico aos mesmos. Em 1896, na Carta 52, Freud escreve a Fliess:

como você sabe estou trabalhando com a hipótese que nosso mecanismo psíquico tenha se formado por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias- a uma retranscrição (Freud, 1896/2006: 281).

Ainda na mesma correspondência, Freud postula que um evento sexual de uma fase remota exerce efeitos sobre outra fase como se fosse atual, não sendo passível, portanto, de inibição. Nesse momento de sua obra, Freud já antecipa o fato de passado, presente e futuro estarem em contínuo remanejamento no psiquismo, desenvolvimento que culminou na formulação do Inconsciente como atemporal em 1915.

O analista deve ser esclarecido de que o estado de enfermidade do paciente pode não cessar pelo fato de ele ter começado o tratamento psicanalítico; deve-se tratar a doença como uma força atual e não como um acontecimento do passado, pois o sujeito a experimenta como algo real e contemporâneo. Há um rompimento com a referência cronológica, o sujeito experimenta algo da ordem da atualidade, do real. Existem experiências que ocorreram na infância do

paciente e que, naquela época, não puderam ser compreendidas, mas que, *a posteriori*, puderam ser compreendidas e interpretadas.

No texto “O inconsciente” (1915/2006), Freud diz que os processos inconscientes não são alterados com a passagem do tempo, são atemporais. Os processos do sistema Inconsciente não são ordenados temporalmente, não se subordinam ao tempo cronológico e não obedecem a um tempo linear, que tenha apenas uma dimensão, mensurado pelo relógio, no qual há separação de passado, presente e futuro.

Resumindo: a isenção de contradição mútua, o processo primário (mobilidade das catexias), a atemporalidade e a substituição da realidade externa pela psíquica: tais são as características que podemos esperar encontrar nos processos pertencentes ao sistema Inconsciente (Freud, 1915/2006: 192).

Freud dedica vários textos à direção do tratamento psicanalítico e relata que a pergunta inoportuna que os sujeitos fazem no início do tratamento é: quanto tempo irá durar? Tal pergunta não pode ser respondida, já que “a psicanálise é sempre questão de longos períodos de tempo, de meio ano ou de anos inteiros – de períodos maiores do que o paciente espera” (Freud, 1913/2006: 145).

A dificuldade nos primeiros anos da clínica freudiana era fazer com o sujeito permanesse em tratamento e, posteriormente, a dificuldade passou a ser fazer com que ele o finalizasse. Se os processos inconscientes são atemporais, não passíveis de serem ordenados temporalmente, o tratamento psicanalítico não pode ser orientado pelo tempo cronológico, padrão, desconsiderando, assim, a atemporalidade do Inconsciente. A vertente do sentido não dá conta do real do Inconsciente, de seu caráter de atualidade, trata-se de uma dimensão que o significante não abarca. Apesar de Freud não manejar o tempo das sessões (não adotava a duração variável das sessões), ele manejava

o tempo no tratamento psicanalítico, já que se preocupava em abreviar a duração do mesmo.

No texto “Análise com fim e sem fim” (1937/2006), Freud sublinha que o tratamento psicanalítico é um assunto que consome tempo e, desde o começo, foram feitas tentativas de abreviar a duração das análises. No caso de um jovem russo, conhecido como caso do Homem dos Lobos (1918 [1914]/2006), que o procurou em Viena para empreender o tratamento psicanalítico, Freud fixou uma data para o término do tratamento. Podemos afirmar que em tal procedimento de Freud já havia a intuição da função da pressa no tratamento psicanalítico. Portanto, Freud fez o manejo do tempo na clínica psicanalítica quando estabeleceu uma data para o término. Freud ainda observa que, após a confirmação de que o tratamento seria terminado realmente na data informada, houve um aumento expressivo da produção de formações do inconsciente pelo sujeito. Nesse caso clínico (1918 [1914]/2006), Freud modificou o tempo padrão do tratamento, promovendo sua subversão ao inserir aí a função da pressa, para que, assim, o sujeito fosse forçado a concluí-lo.

No texto “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada” (1945/1998), Lacan apresenta o sofisma dos três prisioneiros. O diretor do presídio possui uma medida libertatória e, para escolher qual detento será beneficiado por ela, propõe um problema de lógica. O diretor possui três discos brancos e dois discos pretos para serem colocados às costas de três detentos, sem que cada sujeito veja a cor do disco que lhe coube. Somente um disco é afixado nas costas de cada sujeito. Prende um disco nas costas de cada um deles, sendo os três discos brancos. Não é permitido que os detentos vejam a cor do disco que portam, precisando cada um deles inferir a cor do seu disco em motivos de pura lógica, e não apenas de probabilidade, para serem libertados. Entretanto, somente o primeiro detento que o fizer será libertado.

Lacan tece alguns comentários a respeito do sofisma dos três prisioneiros nos seminários 11, *Os quatro conceitos fundamentais da*

psicanálise (1964/1995), e 20, *Mais, ainda* (1972-1973/1985). No seminário 11, ele explicita que o tempo, em qualquer operação lógica, é constituído por três dimensões: o instante de ver, definido pela experiência psicológica da operação intelectual que é o *insight*, o tempo para compreender e o momento de concluir. A rememoração e a repetição não são comutativas, de uma à outra não há continuidade temporal nem reversibilidade. Não é a mesma coisa o analista começar a lidar com a repetição do sujeito para atingir a rememoração, ou começar com a rememoração para lidar com a resistência do sujeito. A comutatividade pertence ao registro do significante, de um significante por outro, e a função tempo é de ordem lógica “e ligada a uma colocação do real em forma significante” (Lacan, 1964/1985: 43). Podemos pensar que, como a comutatividade pertence ao registro do significante, Lacan se refere ao Simbólico, já a função do tempo é o que faz emergir o Real na experiência psicanalítica. Na medida em que o analista corta o discurso do sujeito, manejando, assim, o tempo, é possível que o inconsciente se revele, que se abra.

Em 1972/1973, Lacan comenta que escreveu o texto “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada” (1945/1998), para que nele fosse lida a função da pressa, e é o objeto *a* que a faz emergir. O objeto *a* faz emergir a pressa, cujo objetivo é a saída do sujeito para concluir e se declarar portando o disco branco. O tempo que o objeto *a* faz surgir é o instante da pressa, tempo de um dizer, no qual o sujeito atinge a certeza antecipada e faz uma asserção sobre si mesmo. O que suporta cada um dos sujeitos é ser, em relação aos outros, o que está em jogo no pensamento deles. O sujeito se antecipa na certeza que é dada pela maneira como o outro se comporta perante esse objeto *a*.

Então, onde se situaria o corte no sofisma? O corte estaria concentrado na pressa introduzida pelo diretor do presídio: o primeiro detento que sair e inferir a cor do disco que porta obterá o prêmio, a liberdade. O corte, então, é demarcador de tempo, marca um antes e um depois não apenas no sofisma, mas também na análise e na

própria existência. Na vida, o corte poderia ser, por exemplo, a morte de um ente querido, marcando, assim, a existência do sujeito. Já na análise, o corte do discurso teria efeitos no real por abalar a estrutura imaginária e simbólica do sujeito, por abalar as relações de sentido já estabelecidas, ao causar aí uma descontinuidade. Na análise, o que se corta? O corte é feito a partir do discurso, entretanto o corte temporal é mais amplo que o corte da sessão. Assim, o corte pode ser tomado como um demarcador lógico tanto do processo analítico quanto da sessão, pois estabelece descontinuidades e, por isso mesmo, demarca um antes e um depois. Neste trabalho, nomeamos tal corte como corte lógico-temporal, sem pretender diferenciar o corte relativo à sessão ou ao tratamento psicanalítico.

O seminário 15, *O ato psicanalítico* (Lacan, 1967-1968), foi endereçado aos psicanalistas e o conceito de ato não foi aí formulado didaticamente, justo por estar em disjunção com o saber. Segundo Lacan, a palavra *ato* poderia constituir um franqueamento e, por esse aspecto, encontra-se o ato na entrada de um tratamento psicanalítico. Na entrada de uma psicanálise, o ato tem duas dimensões: por parte do analisando (envolve o sofrimento causado pelo sintoma, ao lado de seu aspecto enigmático) e por parte do analista – envolve a instalação do analista na direção do processo. A decisão de fazer um tratamento psicanalítico comporta um engajamento por parte do sujeito, trata-se de acreditar que o sintoma tem sentido. Aí o sujeito precisaria ser fígado por uma questão acerca do sentido enigmático de seu sintoma. Tal sintoma precisaria ainda passar do estatuto de resposta ao de enigma subjetivo. Tal decisão mereceria ser nomeada de ato. Lacan sustenta que no tornar-se psicanalista, na passagem de psicanalisando a psicanalista, justo por ser conclusiva, há a dimensão do ato. Então, verifica-se a presença do ato analítico do início à conclusão da análise.

Há ainda no ato psicanalítico, para quem nele se engaja, algo de insuportável justamente por ser desconhecido. Desse modo, o ato

analítico não seria entendido ou mesmo supervisionado pela razão, apenas apoiado.

Uma das primeiras formações do inconsciente estudadas por Freud foi o ato falho, que é bem-sucedido exatamente quando falha. Aí ele observa que todo ato comporta a dimensão de uma outra verdade que não a de sua intenção voluntária. Já no corte lógico-temporal (o manejo do tempo por meio do corte da sessão), trata-se justamente de que o sujeito se pergunte por que o analista interrompeu a sessão em determinado momento. O sujeito se pergunta o que o analista poderia querer dele, apontando, então, para a questão do desejo. O corte lógico-temporal poderia ter várias funções, como pontuar o discurso do sujeito, apontar um significante, abalar o modo de funcionamento e/ou o sentido, além de barrar a transferência erótica. Se o ato analítico envolve o corte, todavia, nem todo corte teria valor de ato para o sujeito.

Portanto, o ato psicanalítico se articula num antes e num depois, marca um tempo. O ato é demarcador de tempo, não sendo possível antecipar seu resultado, seus efeitos apenas *a posteriori* podem ser verificados. O ato analítico e o *a posteriori* estão intimamente intrincados. Assim, o ato analítico demarcaria os tempos lógicos, precipitando os momentos de concluir do sujeito, tirando-o de um tempo para compreender infinito, uma vez que a verdade só pode ser atingida na pressa. O psicanalista faz semblante de objeto *a*, objeto que está no cerne do seu ato. Esse ato promove então a torção na fala do analisando. A fala se presta à manutenção de um gozo sem fim, gozo este ligado ao sentido sem fim da cadeia significante. O ato analítico é o que barra a associação livre sem fim, para que o sujeito não permaneça fixado no tempo de compreender e, assim, possa concluir o tratamento. O ato analítico se antecipa ao sujeito do significante, não é o sujeito que conduz o ato e, pelos seus efeitos, é possível extrair alguma certeza disso *a posteriori*. Certeza essa que permitirá ao sujeito fazer uma asserção, antecipada e formulada na pressa, sobre si mesmo.

No texto “Análise com fim e sem fim” (1937/2006), Freud discute a questão da abreviação do tratamento e se depara com outra questão, a qual considera mais interessante: o que se poderia chamar de término da análise? Dois pontos de vista possíveis sobre o término da análise são discutidos por Freud. Do ponto de vista prático sujeito e analista deixam de se encontrar (o sujeito não sofre mais por causa de seus sintomas, superou sua angústia e inibições); o outro ponto de vista se revela mais ambicioso: o analista exerceu tanta influência sobre o sujeito que nada mais poderia ser obtido se o tratamento viesse a ser continuado. Conclui que a “missão” da análise seria garantir que o sujeito esteja em melhores condições psicológicas para exercer suas funções. Se a análise conseguir tal realização, “ela se desincumbiu de sua tarefa” (Freud, 1937/2006: 284).

Portanto, para dar uma direção ao tratamento, Freud recorria ao manejo da transferência. Para Lacan, apenas o manejo da transferência não era o bastante para direcionar o tratamento do sujeito, fazia-se necessário, também, o manejo do tempo pelo analista. Durante o processo analítico, o sujeito experiencia a espera, correlata ao tempo para compreender e, ao mesmo tempo, a pressa, na medida em que é necessário concluir. De que modo o analista poderia introduzir a pressa no tratamento?

No texto “A direção do tratamento e os princípios do seu poder” (1958/1998), Lacan concebe que a direção do tratamento consiste em que o analista faça com que o sujeito aplique a regra fundamental da psicanálise, cuja presença é o princípio da situação analítica. É o analista que dá direção ao tratamento. O ato analítico, mesmo que só possível a partir da ordem simbólica, tem efeitos no real.

Ainda nesse texto, Lacan postula, sobre a direção da análise, que a fala estaria no princípio dos poderes especiais no tratamento; o analista pediria ao sujeito para se experimentar num discurso o mais livre possível, entretanto tal liberdade seria difícil de ser tolerada pelo sujeito. O analista não deveria satisfazer nenhuma demanda do

sujeito e o fato de não se colocar como obstáculo à manifestação do desejo incentivaria o sujeito a se perceber desejante, ainda que exista uma incompatibilidade do desejo com a fala, isto é, o desejo, em sua causa (*a*), só pode ser inferido a partir intervalos do discurso, entre um significante e outro, não havendo assim nenhum significante que o defina.

No texto de Miller *O osso de uma análise* (1998)², sobre a abordagem lacaniana acerca da direção a ser dada ao tratamento psicanalítico, o autor afirma que há uma pedra no meio do caminho da análise, a qual obriga o sujeito à repetição. Segundo Miller, o analista deveria operar a redução significativa na análise, que seria contraposta à amplificação significativa decorrente da associação livre, tarefa essa que caberia ao sujeito. “A redução, como uma operação analítica, dirige-se à sua versão pequeno *a*” (Miller, 1998). Então, o psicanalista promoveria, *in locus*, a operação de redução significativa. O sujeito diz dos elementos de sua história, os conta e os enumera, promovendo a amplificação significativa. A operação de redução significativa na análise incidiria sobre o sujeito, seria um efeito da destituição subjetiva, redução, portanto, a um osso. A direção do tratamento consiste, então, em o analista pôr em operação os redutores lógicos no tratamento, a saber, a redução ao imaginário, a redução das identificações e a travessia da fantasia, e, ainda, em que o sujeito ceda o gozo atrelado a tais registros, a saber, o imaginário, o simbólico e o real, o que configura o término do tratamento analítico.

Assim, se o osso de uma cura é o imaginário, o fim do tratamento consistiria em ultrapassar o plano do imaginário, se o osso é a identificação fálica, o fim da análise seria a queda das identificações, se o osso da cura é a fantasia, o fim do tratamento seria a travessia da fantasia. Portanto, ao afirmar, com Lacan, que o osso do tratamento passa pela redução do sintoma a seu núcleo elementar, Miller se pergunta qual seria o fim da análise e comenta que Lacan não dá uma resposta unívoca sobre essa questão. Lacan nos ensinou que o sujeito

deve conviver com esse núcleo elementar (irreduzível) do sintoma, haver-se com ele.

Examinando as diferenças entre o modo de proceder no tratamento em Freud e em Lacan, observamos que Freud colocava os pacientes já de início deitados no divã; para Lacan, o momento de colocar o sujeito no divã não poderia ser pensado, pois ele teria um quê de ato. O sujeito chega em análise demandando um alívio, cura, e o analista suporta o engodo do sujeito suposto saber. E, como não há entrada em análise sem implicação subjetiva naquilo que diz respeito ao sintoma, o sujeito precisa reconhecê-lo como um enigma e ser instigado a decifrá-lo.

No tratamento analítico, além da dimensão da pressa, existe também a dimensão da espera. Segundo Brodsky (2004), para que haja a surpresa é preciso preparar o terreno. A série de sessões analíticas prepararia o terreno para que houvesse a irrupção do inconsciente do analisando e, por outro lado, a interpretação ou o corte feito pelo analista. Por isso, a lógica das sessões curtas inclui a dimensão da espera, o analisando não saberia o que poderia ocorrer sobre o fundo da espera, saberia apenas que algo estaria para ocorrer.

Miller profere um seminário sobre o tempo articulado à clínica psicanalítica nomeado *A erótica do tempo* (2000), no qual afirma que Freud concebe o tempo como sendo eterno, e se esforça para demonstrar que o inconsciente seria real. No inconsciente atemporal freudiano, nada é esquecido, o que foi vivido há vários anos pode ser revivido/atualizado no presente.

Se o analista tratar o tempo como homogêneo, só poderá conceber o final do tratamento segundo um critério exterior, a partir de um ponto de vista quantitativo e normativo. Miller concebe a sessão analítica como sendo um ponto no infinito, “um lapso de tempo com um suplemento de infinito” (Miller, 2000: 38). O término da sessão analítica, então, é por ele pensado como ponto de basta, como um ponto singular que teria uma estrutura diferente dos outros pontos da reta.

A questão do tempo está intimamente vinculada ao ato psicanalítico porque o que está no cerne do ato analítico é o objeto *a*, objeto frente ao qual o analista faz semblante para direcionar o tratamento. A interpretação, se for feita em forma de corte lógico-temporal, visa os três registros (imaginário, simbólico e real), na medida em que o que está no meio do nó borromeano é justamente o objeto *a*. O nó borromeano é uma figura topológica utilizada por Lacan que é constituída pelo entrelaçamento dos registros Real, Simbólico e Imaginário e traz, implícitas, as seguintes propriedades: a ex-sistência do Real, o furo Simbólico e a consistência imaginária. O corte lógico-temporal, então, faz contraponto ao infinito da cadeia significante, opera como ponto de basta, de modo a causar descontinuidades e a estimular indiretamente o movimento de retroação.

O corte lógico-temporal foi também a maneira de Lacan fazer oposição ao tratamento-padrão concebido pela IPA. O corte lógico-temporal contribuiu, ainda, para que inovações fossem feitas no campo analítico quanto ao modo de interpretar, de intervir do analista. Tal modalidade de corte foi o posicionamento lacaniano ao se recusar a eternizar o sujeito suposto saber projetado no analista, já que não haveria asserção antecipada (ao modo de ato) sem que o sujeito suposto saber fosse destituído. Portanto, já que o sujeito não pode mudar seu inconsciente, pode mudar o modo como se relaciona como ele, ou seja, pode superar a impossibilidade ao tornar possível a escrita do real por meio da contingência.

Nosso percurso teórico relativo à confecção deste artigo nos fez observar já haver, na obra freudiana, a preocupação com o tempo na direção do tratamento. A esse respeito, Freud nos deixou um conceito de fundamental importância: a atemporalidade do Inconsciente, apostando assim na possibilidade de o sujeito reviver e re-significar/des-significar suas experiências e registros mnêmicos, principalmente ao esvaziar suas experiências de alguns significados originalmente subordinados ao desejo do Outro. Lacan nos legou a contribuição

de que o tempo no campo psicanalítico é lógico – e que a temporalidade que interessa à psicanálise é a do ato psicanalítico. Para ele, é o corte lógico-temporal, intervenção sustentada no ato de passagem de psicanalisando a psicanalista, que demarca os tempos lógicos do tratamento e incentiva o sujeito, no final, a inventar um modo singular de lidar com o real que, por natureza, escapa a qualquer programação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brodsky, G. (2004). *Short story, os princípios do ato analítico*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Freud, S. (1896/2006). Carta 52. *Obras completas*, v. I. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1913/2006). Sobre o início do tratamento. *Obras completas*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/2006). O inconsciente. *Obras completas*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1918 [1914]/2006). História de uma neurose infantil. *Obras completas*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1937/2006). Análise com fim e sem fim. *Obras completas*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1945/1998). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1958/1998). A direção do tratamento e os princípios do seu poder. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1964/1985). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1967-1968). *O seminário, livro 15: o ato psicanalítico*. Inédito.
- Lacan, J. (1972-1973/1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Miller, J. A. (2000). A erótica do tempo. In: *Latusa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Vale, S. C. (2012). Considerações sobre o tempo e o ato psicanalítico na direção do tratamento. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei, MG.

NOTAS

O presente artigo teve como base Vale, S. C. (2012). *Considerações sobre o tempo e o ato psicanalítico na direção do tratamento*. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São João del Rei – MG.

- ² Ver Miller, J. A. (1998). *O osso de uma análise*. Belo Horizonte, Seminário proferido no VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise.

Recebido em 20 de junho de 2012
Aceito para publicação em 26 de setembro de 2013